

VINCULAÇÃO MÃE BEBÉ

Paula Almeida e Silva*, **Maria Lapa Esteves****, **Florencio Vicente Castro*****

*Psicóloga Clínica. Doutoranda da Universidade de Extremadura UEX (Espanha).

Paula.almeida.silva0209@gmail.com

**Investigadora e Orientadora de Teses de Doutoramento na Universidade da Extremadura (UEX). Doutorada em Desenvolvimento e Intervenção Psicológica pela UEX (Espanha).

fatilapesteves@hotmail.com

***Presidente Asociacion Internacional INFAD y

Presidente Comité Organizar XX Congreso Internacional INFAD.

fvicente@unex.es

Fecha de recepción: 4 de octubre de 2012

Fecha de admisión: 15 de marzo de 2013

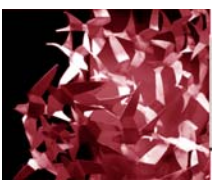
RESUMO

As transformações sociais e tecnológicas que ocorreram nos últimos anos conduziram a modificações no comportamento dos pais para com os bebês, cujas repercussões sobre a qualidade da relação emocional e dos cuidados parentais estão ainda muito por investigar. O momento do nascimento é um período que se repercute na capacidade de amar do ser humano, pelo que a vinculação deve ser estabelecida o mais precocemente possível. Uma relação emocional única, específica e duradoura a vinculação materna ao bebê, estabelece-se de um modo gradual desde que se verificam os primeiros contactos entre a mãe e o bebê, facilitada pela adaptação do sistema hormonal da mãe e estimulada pela presença do bebê, privilegiada num período sensível, localizado nos momentos imediatos ao parto. Traduz-se num processo de adaptação mútua no qual mãe e bebê participam. Este artigo é uma revisão teórica, que pretende reunir e sintetizar os estudos mais relevantes, descrevendo os inúmeros benefícios da vinculação materna ao bebê e o que estimula ou promove o vínculo dos pais com o bebê.

Palavras-chave: Vinculação; Contacto precoce mãe-bebê.

ABSTRACT

The social and technological transformations that have occurred in recent years have led to changes in the behavior of parents towards their babies, whose impact on the quality of emotional relationship and parenting is still much to investigate. The time of birth is a period that affects the ability to love the human being, so the link should be established as soon as possible. An emotional relationship unique, specific and lasting linking mother to the baby, it establishes a gradually tak-



VINCULAÇÃO MÃE BEBÉ

ing place since the first contact between mother and baby, facilitated by adapting the hormonal system of the mother and stimulated by the presence of the baby inside a sensitive period, located in the moments immediately following the birth. Translates into a process of mutual adaptation in which mother and baby involved. This article is a literature review, which aims to gather and synthesize the most relevant studies, describing the numerous benefits of attachment to mother and baby that encourages or promotes parental bond with the baby.

Keywords: Binding; early mother-infant contact.

INTRODUÇÃO

“Pensar com o coração, agir pela emoção e... Vencer pelo amor...”
(*Talmude Hebraico*)

No início da vida, o bebê tem a mãe como um prolongamento de si mesmo. Segundo BOWLBY (1990), o momento do nascimento é um momento marcado por uma “montanha russa” de sentimentos e mudanças. Com a mudança para o meio extrauterino, o recém-nascido sofre uma adaptação gradual e, com o estabelecimento do vínculo mãe-bebê, tudo se torna mais agradável. Por isso, o contacto físico precoce entre ambos é uma prática que tem prioridade e merece especial destaque na visão humanizada do parto (Matos et al., 2010).

Como foi salientado por Canavarró (1999), as relações significativas podem ser fatores de risco ou de proteção, pois ora promovem o sentimento de segurança e a auto-estima e concorrem para o bem-estar global do indivíduo, ora geram condições adversas de existência e implicam considerável sofrimento.

O instinto de vinculação é um elemento organizador importante da atividade sócio-emocional da criança. A vinculação surge como uma realidade instintiva. Na base desse instinto encontra-se uma relação forte da criança com a mãe.

Neste sentido, Bowlby pode ser considerado um inovador na forma como abordou as relações precoces mãe-filho.

Consideramos que as relações que estabelecemos com aqueles que de mais perto nos rodeiam são uma das partes, senão parte mais importante da nossa vida.

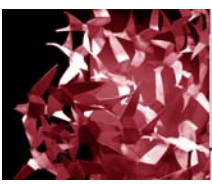
A VINCULAÇÃO MÃE-FILHO

Utilizamos aqui dois termos “vínculo” e “apego” e torna-se importante desde já diferenciá-los. Apego é o sentimento do bebê em relação aos pais, na medida em que ele sente neles a base segura para explorar e conhecer o mundo à sua volta, o sentimento dos pais em relação ao filho é expresso por vínculo afetivo.

Ao longo da gravidez, o bebê vai sendo influenciado pelas experiências da mãe. Nos últimos meses, o feto já ouve e responde ao toque, dando respostas a estímulos externos, o que possibilita a construção de uma sintonia entre a mãe e o feto (Wilheim, 2000; Busnel, Yasuku, & Cunha, 2002).

A interação mãe-filho, iniciada durante a gestação, é permeada por emoções intensas vividas pela mãe. Sentimentos como ansiedades, angústias e uma grande agitação de expectativa, alegria e medo, fazem parte da vinculação emocional dos novos pais e da preparação para o apego do bebê e, com o seu nascimento, é inaugurada uma nova etapa nessa relação: não é mais o filho idealizado ou a imagem fantasmática, mas o filho real e tão esperado que ali está. É o início da formação de um vínculo entre duas pessoas.

Em *John Bowlby* [Consult. 2008-04-05], podemos ler que a vinculação materna ao bebê é uma relação emocional única, específica e duradoura, que se estabelece de um modo gradual, desde os



PSICOLOGÍA POSITIVA: DESARROLLO Y EDUCACIÓN

primeiros contactos entre a mãe e o bebê, traduz-se num processo de adaptação mútua e este apego seguro, vivido na primeira infância influencia nas relações do indivíduo com a sociedade. Logo o vínculo entre mãe (figura de apego) e filho, concluiu-se que essa ligação era parte de um sistema de comportamento que servia à proteção da espécie, já que os bebês humanos são indefesos e incapazes de sobreviver sozinhos por um longo período de tempo e o apego dos bebês às suas mães (ou outra figura de apego) é o que possibilitaria a sobrevivência da espécie.

Vários autores sustentam que os primeiros dias, talvez mesmo as primeiras horas depois do nascimento, representem um período sensível, onde a mãe está particularmente apta a constituir um elo de ligação com seu filho.

Winnicott (1993) atenta-nos para a capacidade das mães em dedicar a seus filhos, no momento em que estes precisam, toda a atenção, suprimindo suas necessidades de alimentação, higiene, acalento ou no simples contacto sem atividades, que cria condições necessárias para que se manifeste o sentimento de unidade entre duas pessoas.

Uma mãe sob “stress”, deprimida, adolescente ou que não tenha estabelecido com seus pais um modelo de apego seguro, pode não estar pronta a responder adequadamente às necessidades de seu filho.

Bowlby (1990) afirma com relação à estabilidade dos padrões de apego que quanto mais satisfação o padrão de interação adotado por um par proporcionar a cada parceiro, mais estável ele será. Por outro lado, quando o padrão desenvolvido pela dupla é insatisfatório para um ou ambos, a tendência à estabilidade diminui, já que o parceiro descontente tentará sempre alterá-lo.

Mas para a formação de uma vinculação segura é também muito importante a mãe ser sensível, para ser consistente nas suas qualidades para interpretar os sinais do bebê, pois uma vinculação segura também se prende com a capacidade de integrar, de forma coerente, as experiências positivas e negativas, pois há preponderância das qualidades maternas, não a sua absolutização.

Em *John Bowlby*, afirma-se que, «as jovens grávidas enfrentam uma dupla crise desenvolvimental: a “crise da adolescência” e a “crise da gravidez”», pois, num período em que lutam pela afirmação da sua independência e liberdade individual, vêm-se da dependência e responsabilidade por tomar conta do bebê, logo a adolescente torna-se (ainda) mais dependente do apoio emocional e instrumental da família, pois tem de enfrentar a resolução das tarefas da maternidade, que obrigam à sua adaptação a inúmeras mudanças, quando ainda se encontra envolvida na resolução das tarefas da adolescência, que obrigam à sua adaptação a tantas outras mudanças, o que se pode traduzir num desafio excessivo para algumas delas.

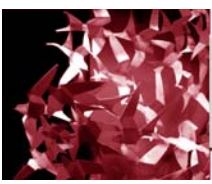
Também o adulto seguro, do ponto de vista psicossocial, tem características próprias, como a flexibilidade e alternância no exercício dos papéis de figura cuidadora e figura cuidada, também é capaz de, quando as circunstâncias internas e externas o exigem, recorrer ao outro para obtenção de segurança emocional e de apoio.

A VINCULAÇÃO ATRAVÉS DOS SENTIDOS DO TACTO, DA VISÃO, DO OLFAC TO, DA AUDIÇÃO E DO PALADAR

Lowdermilk & Perry (2008), afirmam que o toque, o cheiro e a temperatura são estímulos vagais da mãe que conduzem à libertação de ocitocina, o que estimula a resposta social, diminui a ansiedade e aumenta a temperatura do peito. As mães revelam mais comportamentos de apego, tais como, gestos carinhosos durante a amamentação, utilizam mais a posição face-a-face, seguram, beijam e tocam mais os seus bebês.

O TACTO

Sabe-se hoje, após anos recentes de pesquisa, que o melhor para a mãe e o bebê é promover o contacto entre ambos, o mais precocemente possível. Este contacto consiste numa técnica sim-



VINCULAÇÃO MÃE BEBÉ

ples (Almeida & Filho, 2004), que deve ser feita diretamente pele com pele, ou seja, imediatamente após o parto, o bebê saudável deve ser seco em cima do peito da mãe, para diminuir o arrefecimento por evaporação, e permanecer em decúbito ventral sobre o peito ou abdômen da mãe, sem a interferência da roupa (Lamaze, 2003).

O OLHAR

O olhar funciona como uma forma de vínculo e o bebê organiza a acomodação ocular na exata distância que separa o seu olhar do olhar da mãe no ato da mamada e essa acomodação corresponde a uma relação vinculativa entre a mãe e o bebê e, assim, rapidamente, ele é capaz de reconhecer o rosto materno e pouco depois repudia os estranhos. Mais ainda, ele desvia o olhar quando percebe que o olhar do pai ou da mãe magoam.

O olhar tem um papel preponderante nas interações precoces, como um laço afetivo ultra-precoce e como um mediador dos estados afetivos dos parceiros dessa interação. Talvez seja mesmo verdade que vemos com o “coração”, por intermédio dos olhos. A visão é pois o último sentido que resiste à distância. Quando todos os outros sentidos já não alcançam, o outro está ainda ao alcance do olhar.

O OLFAC TO E O PALADAR

Estudos feitos em maternidades de vários países comprovam que a criança e a mãe reconhecem-se através do olfato e a criança reage quando lhe é dado leite diferente do da mãe. O povo sempre afirmou: “os beijos dos nossos são mais doces”

A AUDIÇÃO

A quem tiver dúvidas será interessante ver o filme “Odisseia da Vida”: a criança procura chuchar de forma a poder ouvir a voz da mãe.

VINCULAÇÃO NA CRIANÇA

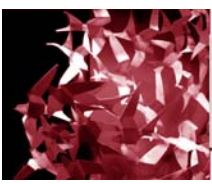
Segundo Bowlby, “a vinculação é uma necessidade primária e vital como a água, o sono e a comida. Um bebê que se sente protegido terá muito mais hipóteses de se tornar um adulto seguro de si e capaz de amar e de se sentir amado. Várias pesquisas revelam que as crianças seguras em relação aos seus pais choram menos e são mais persistentes na exploração do ambiente. Já as inseguras são mais submissas ou agressivas”.

O sistema de vinculação na criança emerge devido a um fator genético, mas desenvolve-se como processo experiencial, baseado nas interações entre a criança e a figura de vinculação.

Esta começa pelo contacto físico, ao simples facto de a criança ser agarrada, tocada, levada ao colo. Recentemente descobriu-se que “*as crianças prematuras nas enfermarias de cuidados intensivos ganham peso rapidamente quando são acarinhadas pelas enfermeiras durante quinze minutos, três vezes por dia, ou colocadas em pequenos colchões de água, cujo movimento imita o abraço suave e embalador dado pelas mães aos bebês de termo*” (in *ABC da Mente Humana*, 1990, p.136).

O objetivo do sistema de vinculação é a regulação dos comportamentos no sentido de obter ou manter a proximidade e o contacto com a figura de vinculação. Para a criança, o principal objetivo do sistema é garantir a segurança. A dinâmica entre estes dois objetivos traduz-se na utilização da figura de vinculação como base segura, para explorar o ambiente, em alturas tranquilas, e como refúgio de segurança, em alturas conturbadas.

Um bebê passa uma boa parte do tempo num estado de necessidade, por isso emite sinais para chamar e reter a atenção da mãe, tais como gritar, chamar, sorrir, tagarelar e estender os braços. Também certos comportamentos de aproximação, como o procurar, seguir, agarrar-se e/ou chupar.



PSICOLOGÍA POSITIVA: DESARROLLO Y EDUCACIÓN

É o padrão desses comportamentos, não a sua frequência, que nos diz alguma coisa sobre a sua força ou a qualidade do apego ou do vínculo afetivo.

Bowlby afirma que a delinquência, depressão em adultos e afeições patológicas estão associadas a múltiplas experiências de privação materna; Alexandre Lowen era convicto que a esquizofrenia pode ter origem na falta de intimidade entre mãe e filho, pois a falta de contacto é encarada pela criança como abandono.

Bowlby (1958, 1973, 1979) elaborou uma teoria sobre a natureza e a origem da vinculação da criança à mãe. A ideia central defendida é que a evolução resolveu o problema da necessidade de proteção e suporte, imprescindível à sobrevivência do ser humano, equipando a criança com um sistema de comportamentos que asseguram a proximidade com o adulto. O objetivo do sistema de vinculação é a regulação dos comportamentos no sentido de obter ou manter a proximidade e o contacto com a figura de vinculação.

Para a criança, o principal objetivo do sistema é garantir a segurança. A dinâmica entre estes dois objetivos – manutenção da proximidade e obtenção de segurança – traduz-se na utilização da figura de vinculação como base segura, para explorar o ambiente, em alturas tranquilas, e como refúgio de segurança, em alturas conturbadas.

FASES DO DESENVOLVIMENTO DO AFECTO

Segundo Ainsworth, o desenvolvimento do afeto comporta quatro fases:

Primeira fase - 12 Semanas. Os sinais existem, mas não se dirigem a uma pessoa em particular.

Segunda fase - 6 Meses. Os sinais são dirigidos para uma figura, ou várias.

Terceira fase - Entre os 6-7 meses e os 2-3 anos. A criança explora o seu meio envolvente a partir da mãe. Aos 8 Meses – Atravessa um período no qual tem medo de estranhos; aos 10 Meses – O bebé começa a verificar a expressão da mãe ou do pai, antes de decidir se deve aventurar-se numa nova situação – referenciamento social; aos 2-3 Anos – pode afeiçoar-se a uma figura secundária se se tratar de alguém familiar, se estiver de boa saúde, se não tiver qualquer razão para se alarmar, se souber que encontrará em breve a mãe.

Quarta fase - Formação de uma relação objetiva em que a mãe se torna um objeto independente permanente no tempo e no espaço.

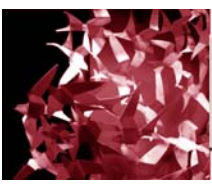
Bowlby sugeriu que nos primeiros dois ou três anos, o padrão específico de apego apresentado pela criança é de certa forma uma propriedade de cada relacionamento específico e argumentou que por volta dos 4 ou 5 anos o modelo funcional interno se torna mais geral, mais uma propriedade da criança, que tende impô-lo aos novos relacionamentos, incluindo relacionamentos com professores ou iguais.

Os vários padrões de vinculação emocional representam diferentes representações cognitivas que resultam em diferentes expectativas. Desde que a mãe continue a agir da mesma forma, o modelo mantém-se. Se o seu comportamento se altera – não apenas uma ou duas vezes, mas de forma consistente – o bebé poderá rever o modelo e a segurança de vinculação poderá alterar-se.

Para o desenvolvimento de um apego seguro, o denominador comum parece ser a aceitação do bebé por parte dos pais e a responsividade contingente dos pais em relação ao bebé e, por responsividade contingente não significa apenas que os pais amam o bebé, mas que lhe respondem apropriadamente, sorrindo quando o bebé sorri, conversando com ele quando vocaliza e dando-lhe colo quando ele chora.

Os bebés avaliados como inseguros/ambivalentes provavelmente têm mães que são inconsistentes nas suas respostas ao bebé, rejeitando os seus convites de contacto algumas vezes, respondendo positivamente noutros momentos.

Segundo alguns autores, a principal dinâmica dessa relação reside na responsividade e disponibilidade deste último, o que irá determinar a natureza dos “internal working models”.



VINCULAÇÃO MÃE BEBÉ

TIPOS DE VINCULAÇÃO

Bifulco, Figueiredo, Guedeney, Gorman, Hayes, et al., (2004), apresentou-nos diversas tipologias que foram propostas para a classificação da vinculação no adulto. Não obstante, a classificação geral da vinculação em segura versus insegura está sempre presente e, na conceptualização dos diferentes tipos de vinculação insegura, está também sempre presente que «as estratégias inseguras de vinculação são diferentes por atingirem os polos extremos de uma mesma dimensão que são: minimizar a expressão da vinculação (estilos evitantes) ou maximizar essa mesma expressão (estilos preocupados/emaranhados)».

Falou-nos igualmente de que Bifulco, Lillie, Ball, e Moran (1988) definiram cinco estilos de vinculação, aquando da construção da Attachment Style Interview (ASI) e que passamos a descrever:

Emaranhado – é um estilo de vinculação dependente, frequentemente acompanhado por hostilidade e raiva nas relações, bem como por ambivalência ou manipulação nas relações com os outros. Os sujeitos têm muita necessidade de dependência e requerem atenção dos outros, mas podem, de facto, ter muito poucos relacionamentos interpessoais verdadeiramente próximos. Muitas vezes parecem contradizer-se no relato das suas relações e o estilo de narração tem ainda tendência a ser cheio, emocional e propenso ao exagero.

Desligado – caracteriza-se pelo evitamento dos outros, elevado individualismo e raiva/intolerância para com os outros. Estas pessoas poderão escolher contar apenas consigo e são frequentemente contenciosas com os outros ou clamam que não se pode confiar em ninguém.

Geralmente isolam-se, sendo mais difíceis no relacionamento que o tipo amedrontado. O estilo narrativo tende a ser breve e lacónico e até um pouco irritado com a situação de entrevista.

Amedrontado – é um estilo de vinculação igualmente evitante, mas caracteriza-se mais pelo medo dos outros, ansiedade social e medo da rejeição ou de ser desiludido. Isto pode relacionar-se com experiências passadas ou atuais em que o sujeito foi desiludido, o que influiu nas suas subseqüentes atitudes. Pode existir, contudo, um elevado desejo de estar próximo dos outros, e, simultaneamente, medo que tal aconteça. O estilo narrativo pode indicar a ansiedade subjacente ao material emocional evocado.

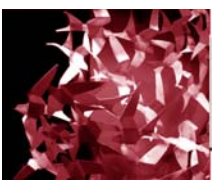
Retraído – é uma categoria evitante residual, na qual se inserem traços de individualismo e falta de desejo de compromisso com os outros, mas sem medo do envolvimento e sem cólera ou intolerância perante os outros.

Padrão ou Seguro – caracterizado pela competência em iniciar e manter relações interpessoais, tal como certifica a proximidade emocional em relação ao parceiro e aos filhos ou a outras figuras de apoio fora da família. Normalmente, existe uma relação estável, ou mesmo apoiante com a família de origem.

WORKING MODELS

Segundo Bowlby, a criança elabora um conjunto de expectativas acerca de si, dos outros e do mundo em geral, que correspondem à interiorização de características das suas interações com os pais, que ele designou de “working models”, modelos representacionais ou modelos internos dinâmicos, descrevendo-os como «representações mentais, conscientes e inconscientes, do mundo e de si próprio que ajudam o indivíduo a perceber os acontecimentos e a antever e arquitetar planos para o futuro».

Estes modelos constituem-se em importantes grelhas de leitura na interpretação e na previsão de comportamentos, influenciando os padrões de interação nas relações de proximidade emocional, sendo sistemas afetivamente carregados que regulam o sistema comportamental da vinculação,



PSICOLOGÍA POSITIVA: DESARROLLO Y EDUCACIÓN

tendem a resistir à mudança e a influenciar o comportamento na vida adulta, embora sejam sensíveis a transformações, resultantes de alterações nas interações do indivíduo com o meio.

Teoricamente, os modelos internos dinâmicos desenvolvidos na infância continuam a ser importantes, mesmo quando o adolescente estabelece novas relações. Soares (1996) relata que esta continuidade pode ocorrer pela assimilação das novas relações às expectativas que são consistentes com o modo como o indivíduo representa as suas relações. No entanto, mudanças desenvolvimentais podem implicar transformações ao nível dos modelos internos dinâmicos. Com efeito, se, por um lado, a segurança pode facilitar as necessárias acomodações a introduzir nos modelos internos dinâmicos e ser, portanto, compatível com a sua revisão, o estabelecimento de novas relações, quer durante a adolescência, quer durante a idade adulta, pode, por outro lado, constituir uma ocasião significativa para reavaliar vinculações precoces, nomeadamente quando estabelecidas de um modo inseguro.

Importa ainda acrescentar que, embora este aspeto não tenha até ao momento sido muito estudado, também a maternidade implica a revisão das relações com os pais, sendo por isso, de igual modo, uma oportunidade para a revisão e modificação dos modelos internos dinâmicos elaborados na sequência das interações na infância. «Durante a gravidez “novas” relações podem estabelecer-se com a figura materna, as quais podem permitir rever os modelos internos dinâmicos elaborados a partir das experiências da infância» (Pacheco, Costa, & Figueiredo, 2003a, p. 54).

Modelos de vinculação segura revelam melhores resultados ao nível de auto-estima, autoconfiança, resiliência, competência cognitiva, competência com os pares, resolução de conflitos, perceções e expectativas favoráveis

Modelos de vinculação insegura revelam elevados conflitos, dependência, hostilidade, punição ou vitimização, sintomatologia ansiosa e depressiva.

As perturbações precoces das relações de vinculação, ainda que não sendo concebidas como psicopatologia, constituem, muitas vezes, as bases de processos desenvolvimentais que podem, claramente, conduzir a psicopatologia.

ENABLING E EMPOWERMENT

Da filosofia subjacente a esta proposta de abordagem à família emergem estes dois conceitos:

Empowerment – Coresponsabilizar

Processo de ação social que permite conduzir a família ao controlo da sua própria vida – para que efetue as suas escolhas e tome as suas decisões.

A forma mais adequada de dar suporte às necessidades da criança é ajudar os seus pais a encontrar e a construir as suas próprias capacidades e competências.

Enabling

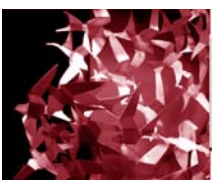
Implica que os técnicos e a família tomem consciência das forças e limites inerentes às situações adversas com que se deparam no decorrer da intervenção.

Ao técnico cabe ainda a tarefa de fornecer informação e encaminhar a família para que esta consiga atingir, por si, a satisfação das suas necessidades e deve focar-se na valorização da auto-estima, da confiança, das competências.

A ideia é o envolvimento máximo e a participação ativa da família.

CONCLUSÃO

Distinguímos, como se desenvolve a relação de vinculação entre a mãe e o bebé e de apego entre o bebé e sua mãe e seus possíveis reflexos para o desenvolvimento futuro da criança.



VINCULAÇÃO MÃE BEBÊ

O apego aparece como um dos aspetos constituintes da personalidade do indivíduo que é influenciado por fatores como as características da mãe, o temperamento da criança e o meio social em que vive.

Por outro lado, o padrão de apego desenvolvido no primeiro ano de vida influencia a formação da auto-imagem e auto-conceito, fazendo das crianças que tiveram um modelo de apego seguro, indivíduos mais competentes e aceitos socialmente.

Todos os autores pesquisados afirmam a necessidade de maiores investigações tanto no que diz respeito a inter-relação dos fatores que contribuem para a formação dos diversos padrões de apego quanto em sua persistência ao longo da vida.

Bowlby (1990) enfatiza que “variável alguma tem mais profundos efeitos sobre o desenvolvimento da personalidade do que as experiências infantis no seio da família: a começar dos primeiros meses e da relação com a mãe”.

Portanto não nos parece errado afirmar que a relação entre apego seguro – auto imagem realista – auto conceito positivo, contribua substancialmente para a formação de adultos realizadores e auto realizados, tendendo sempre para o crescimento e positividade pessoal e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bifulco, A., Figueiredo, B., Guedeney, N., Gorman, L., Hayes, S., Muzik, M., Gatigny-Dally, E., Valoriani, V., Kammerer, M., Henshaw, C. & the TCSPND group (2004). *Maternal attachment style and depression associated with childbirth: Preliminary results from European/US cross-cultural study*. British Journal of Psychiatry, 184 (Suppl. 46), 31-37.
- Bowlby, J. Apego. *A natureza do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes, (1990). p. 192.
- Bowlby, J. (1990). *Trilogia apego e Perda*. Volumes I e II. S. Paulo. Martins Fontes.
- Busnel, M. C., Yasaku, S., & Cunha, I. (2002). *Relação mãe feto: Visão atual das neurociências*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Doron, Roland e Parot, Françoise, (2001). *Dicionário de Psicologia*. CLIMEPSI Editores.
- John Bowlby. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2008.
- Lamaze International – Instituto Lamaze – *para o parto normal* (2003). [Consult. 12 Dez. 2010]. Disponível na Internet: «URL:<http://www.lamaze.org>».
- Laplanche, J., Pontails, J. B. [1967] (1976). *Vocabulário da Psicanálise*. Moaes Editores.
- Lowdermilk, D.; Perry, S. – *Enfermagem na Maternidade*. 7ª Ed., Loures: Lusociência, 2008. ISBN 978-989-8075-16-1.
- Macedo, E. (2007). Apontamentos das cadeiras de Consulta Psicológica e Cognição e linguagem.
- Matos, T. A. [et al.] – *Contato pele-a-pele precoce mãe-filho: significado para as mães e contribuições da enfermagem*. Revista Brasileira de Enfermagem. [Em linha]. 63:6 (2010). [Consult. Janeiro. 2013]. Disponível na Internet «URL: <http://submission.scielo.br/index.php/reben/index>».
- Vinculação*. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2008.
- Wilhelm, J. (2000). Psiquismo pré e perinatal. In N. A. Caron (Org.), *A relação pais-bebê: Da observação à clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Winnicott, D. W. (1993). *A Família e o Desenvolvimento Individual*. São Paulo. Martins Fontes. <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v22n4/v22n4a01.pdf>